

## ARTIGOS

Suzana Lopes Salgado Ribeiro <sup>I</sup>

Wellington Vicente de Paula <sup>II</sup>

Nilton dos Santos Portugal <sup>III</sup>

### Identities and intersectionalities in afro-entrepreneurship

Identities and intersectionalities in afro-entrepreneurship



#### RESUMO:


O presente artigo tem o propósito de contribuir para a reconstituição das questões identitárias da população negra acerca do afroempreendedorismo, sobretudo no ensejo de institucionalizar cadeias produtivas sólidas, que possibilitem o acesso das gerações futuras às condições dignas de existência. O texto é excerto de trabalho de dissertação para o qual foram realizadas seis entrevistas, com afroempreendedores do ramo da estética. Os dois homens são barbeiros. As quatro mulheres desempenham funções diferentes, sendo uma cabeleireira, uma maquiadora e designer de sobrancelhas, uma trancista e uma designer de sobrancelhas e confeccionadora de perucas para mulheres negras. A variedade de funções escolhidas para entrevistas teve o intuito de abranger uma maior diversidade de experiências com a estética, principalmente negra. A pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de compreender como aspectos do racismo influenciam na economia, no crescimento econômico e no desenvolvimento de afroempreendedores, de maneira a verificar a influência de fatores étnicos, de gênero e culturais para a diferenciação dos negócios perante os concorrentes. Esta pesquisa é de caráter exploratório e a partir dos resultados obtidos propõe que se construa novos pressupostos capazes de contribuir com a resolução do desafio de se sustentar e evoluir um empreendimento em solo brasileiro.


**Palavras-chave:** Afroempreendedorismo; Estudos decoloniais; Identidade negra; Desenvolvimento regional


#### ABSTRACT:

This article aims to contribute to the reconstruction of identity issues among the Black population concerning Black entrepreneurship, particularly in the effort to institutionalize solid production chains that enable future generations to access dignified living conditions. The text is an excerpt from a dissertation for which six interviews were conducted with Black entrepreneurs in the aesthetics industry. The two men are barbers. The four women perform different roles: one is a hairstylist, one is a makeup artist and eyebrow designer, one is a braider, and one is both an eyebrow designer and wig maker for Black women. The variety of functions chosen for the interviews aimed to encompass a broader diversity of experiences with Black aesthetics. The research was developed to understand how aspects of racism influence the economy, economic growth, and the development of Black entrepreneurs, examining the influence of ethnic, gender, and cultural factors on the differentiation of businesses compared to their competitors. This exploratory research proposes, based on the results obtained, the construction of new assumptions capable of contributing to the resolution of the challenge of sustaining and growing a business in Brazil.

**Keywords:** Black entrepreneurship; Decolonial studies; Black identity; Regional development

<sup>I</sup> Doutora em História Social; Professora, Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha, MG; Universidade de Taubaté, Taubaté, SP, Brasil. [suzana.ribeiro@falaescrita.com.br](mailto:suzana.ribeiro@falaescrita.com.br),  <https://orcid.org/0000-0002-0310-0694>

<sup>II</sup> Mestrando em Desenvolvimento Regional; Professor, Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha, MG, Brasil. [wellington.paula@alunos.unis.edu.br](mailto:wellington.paula@alunos.unis.edu.br),  <https://orcid.org/0000-0001-7120-7082>

<sup>III</sup> Doutor em Administração; Professor, Centro Universitário do Sul de Minas, Varginha, MG, Brasil. [nilton.portugal@professor.unis.edu.br](mailto:nilton.portugal@professor.unis.edu.br),  <https://orcid.org/0000-0002-3626-3828>

## INTRODUÇÃO

A população preta e parda do Brasil, que representa 56,6% do contingente total de brasileiros (IBGE, 2023), movimentou em 2021, cerca de dois trilhões de reais na economia, segundo levantamento feito pela Central Única das Favelas (CUFA) e o Instituto Locomotiva (2021). Ao segmentar os dados para os níveis estadual e municipal, o percentual de pessoas negras se contrastam. Em Minas Gerais, a população negra é de 58,6%, já em Varginha, cidade do presente estudo, o contingente que se autodeclara preto e pardo somam 45,7% dos cidadãos (IBGE, 2023). Estes números elucidam o potencial exploratório do mercado de serviços da beleza e estética, representados pelos CNAES 9206-5/01 e 9206-5/02, por parte dos(as) afroempreendedores, que mesmo sendo minoria

em uma cidade média, de 136 mil habitantes (IBGE, 2023), encontraram meios de autoafirmação das suas identidades e oportunidades de crescimento a partir da valorização da estética negra.

Em conformidade com critérios do Comitê de Ética, a apresentação dos entrevistados se dará de forma anônima, na descrição dos resultados, para melhorar a experiência a leitura e fluidez do texto, usamos nomes fictícios para se referenciar aos colaboradores do trabalho, fazendo analogias entre os participantes com personalidades negras nacionais e internacionais que, de alguma forma, possuem características ou pontos semelhantes em suas histórias, com o objetivo de tornar mais pessoal a apresentação. No quadro abaixo é indicada a composição destes entrevistados com suas ocupações, nome fictícios de personalidades ne-

Quadro 1 – Entrevistas

	Ocupação	Nome Fictício	Idade	Tipo de CNPJ
Entrevistada 1	Trancista	Lauryn Hill	22 anos	MEI
Entrevistada 2	Designer de sobancelhas e confecção de apliques	Serena Williams	22 anos	INFORMAL
Entrevistado 3	Barbeiro	Kauê de Queiroz (Mc Caverinha)	19 anos	INFORMAL
Entrevistado 4	Barbeiro	Cassius Clay (Muhammad Ali)	42 anos	SIMPLES NACIONAL
Entrevistada 5	Cabeleireira	Sarah Breedlove (Madam CJ Walker)	29 anos	MEI
Entrevistada 6	Designer de sobancelhas e maquiadora	Monique Evelle	21 anos	SIMPLES NACIONAL

Fonte: Autores (2024)

gras, idade e enquadramento tributário. Depois, segue uma breve explanação contextual dos motivos da associação do entrevistado com a tal personalidade negra.

**Entrevistada 1:** a associação da primeira entrevistada com Lauryn Hill se dá por esta artista ter ganhado destaque mundial com o álbum *'The Miseducation of Lauryn Hill'*, vencendo o *Grammy Awards* de 1999 de melhor álbum do ano (Grammy, 2024). Na capa do disco tem um desenho do rosto da artista e também das suas tranças dreadlocks em um formato exuberante. Portanto, a artista chama atenção pela sua estética do cabelo e da música, seu talento e qualidade logo no início da sua carreira o que pode ser associado com o trabalho da transista entrevistada, que também chamou a atenção do mercado varginhense logo no seu primeiro ano como profissional e atualmente lidera este segmento de mercado na cidade.

**Entrevistada 2:** a segunda entrevistada está associada com Serena Williams primeiramente de forma superficial por uma ligeira semelhança física e de estatura, mas, principalmente, pela sua história e desejo de seguir a carreira da estética inspirada na sua irmã mais velha, que já é profissional há mais tempo, como ela mesma narra na entrevista:

Minha irmã trabalha desde os 15 anos, no ramo das unhas. Eu sempre me inspiro muito

nela, por ser uma pessoa muito batalhadora, sempre correndo atrás do seu. E tudo sozinha. Ela é independente e tudo que tem hoje, é por mérito dela mesmo. Então me inspiro muito nela e quero seguir essa carreira (Serena, 2023).

**Entrevistado 3:** o barbeiro mais jovem entrevistado, terá o seu nome representado como Kauê, que é o nome civil do artista MC Caverinha, um dos expoentes brasileiros do subgênero da cultura Hip Hop, o *Trap*. Chamado de 'príncipe do trap', Caverinha ganhou milhões de visualizações nas redes sociais ao lançar, aos onze anos de idade, a música 'não pisa no meu boot', com um vídeo gravado no quintal de sua casa. A partir dali sua carreira entrou em uma ascensão exponencial e em 2023, aos 15 anos foi o artista mais jovem da história a atingir o Top 1 do *Spotify Brasil*, além de alcançar o Top 3 de Portugal e a posição 92 no Top 100 Global da maior plataforma de streaming do planeta (Metrópole, 2023). O artista está associado com o barbeiro, por ter iniciado sua carreira também na adolescência, além de coincidentemente ter cortado o cabelo de Caverinha e seu irmão Real Bege antes de uma apresentação do artista na cidade de Varginha em 2023.

**Entrevistado 4:** barbeiro mais experiente, de 42 anos terá o seu nome substituído por Cassius Clay, nome do pugilista Muhammad Ali antes de se con-

verter ao islã. A associação se dá pelo gosto do barbeiro por artes marciais, onde também conquistou diversas medalhas, também pelo estilo irreverente, sem ‘papas na língua’ de ser, além de sua grande capacidade técnica. Da mesma forma com que o boxeador levava poucos minutos para vencer seus combates, o barbeiro tem uma eficiência técnica que o permite obter ganhos muito além da média do seu mercado. Como ele mesmo diz em um trecho de sua entrevista, na média, talvez precise de três barbeiros para fazer a mesma quantia que ele em um mês, que é de 25 a 26 mil reais, sendo aproximadamente quatro vezes o valor médio mensal que um Microempreendedor Individual pode faturar (R\$ 6.500,00).

**Entrevistada 5:** a penúltima entrevistada tem o codinome de Sarah Breedlove, nome civil da afroempreendedora, filantropa e ativista política estadunidense Madam C. J. Walker, que foi registrada pelo *Guinness Book*, como a primeira mulher negra milionária do país. Para atingir tal feito a empresária desenvolveu uma linha de cosméticos para tratamento exclusivo de cabelos de mulheres negras e revolucionou a indústria. Com o foco de cuidar dos cabelos crespos e diminuir os danos causados pelos processos químicos comuns àquela época (fim do século XIX), resgatando a saúde e bem-estar das mulheres negras de seu tempo. Pode-se dizer que Sarah foi uma pioneira no que se

chama atualmente de “terapia capilar”, que é a pós-graduação que a cabeleireira entrevistada está concluindo neste ano.

**Entrevistada 6:** a última colaboradora do trabalho tem seu nome substituído por Monique, primeiro nome de uma das trinta pessoas que abaixo dos trinta anos foi considerada mais influentes do mundo em 2017, aos 22 anos (Forbes, 2023). A afroempreendedora soteropolitana, ainda aos 16 anos, deu início ao seu primeiro projeto chamado ‘Desabafo Social’. Após anos de desenvolvendo como empreendedora, mentora e empresária, em 2023, aos 28 anos, integrou a equipe de investidores do *reality show* ‘Shark Tank Brasil’. Sua associação com a entrevistada se dá pela história de ter iniciado ainda adolescente e também sua capacidade empreendedora, por ter aos 21 anos um salão de beleza próprio e que ainda subloca espaço para outras profissionais atuarem. Mesmo ainda muito jovem, a maquiadora e designer de sobrancelha já rompeu as barreiras do MEI e tem o enquadramento do seu negócio no Simples Nacional, que no seu segmento, representa apenas 0,2% das empresas ativas com o CNAE 9602-5/02, se somadas ainda as empresas de enquadramento superior ao simples (CNPJ, 2023).

O debate deste estudo está dividido em três partes, sendo as duas primeiras de aprofunda-

mento analítico nas questões de interseccionalidades na condição da população negra no Brasil e na formação de sua identidade. A terceira parte traz um novo pressuposto de reconstituição identitária a partir do paradoxo do desenvolvimento vivido pelos afroempreendedores.

## DISCUSSÃO

### Raça, gênero e suas interseccionalidades no afroempreendedorismo da estética

O contexto de raça, gênero e suas interseccionalidades neste trabalho de análise está fundamentados nas produções de Frantz Fanon (1961), Angela Davis (2016), Silvio Almeida (2019), e Djamilia Ribeiro (2018). Cada uma das obras reforça o que os participantes da pesquisa trouxeram como vivências pessoais e relação da sua etnicidade com a profissão que escolheram seguir. Neste capítulo a triangulação será dividida em três aspectos: (1) a forma como todos são afetados pelo racismo desde a infância, embora para as mulheres existam camadas mais profundas, que também afetam os homens de forma indireta; (2) o fato de a profissão de barbeiro, que é masculina em sua maioria, ser uma opção de carreira levada com seriedade desde cedo, enquanto as profissões femininas, como cabeleireira, trancista, maquiadora, designer de sobrancelhas e produtora perucas de cabelos sin-

téticos encontram inúmeras barreiras para ganhar credibilidade, seja da sociedade ou até da própria família; (3) mesmo diante de uma complexidade maior, as afroempreendedoras encontram nas adversidades, se trabalhadas de forma adequada, uma grande possibilidade de segmentação de público, especialização e aumento dos ganhos pela falta de profissionais que supram uma necessidade de mercado exclusiva das mulheres negras, seguindo o raciocínio da economia étnica de Ivan Light (2007).

Os participantes do sexo masculino desta pesquisa, Kauê e Cassius têm uma característica comum entre suas histórias que é o fato de suas mães serem dependentes de álcool, exemplificando a forma indireta que as camadas mais profundas do racismo os afetam:

[...] mudei para Varginha por conta da minha mãe, minha mãe sofria com alcoolismo desde quando nasci até os meus 12 anos. E aí, meu irmão que tentou mudar ela. E trazê-la para cá e voltando ela para ver se ela mudava, só que ela nunca mudou, entendeu? Aí, por isso que eu acabei indo e voltando (Kauê, 2023).

[...] minha mãe era alcoólatra, eu não tenho pai. Nenhum dos meus irmãos teve pai. Entendeu? Então, eu era o cara que levava a comida para casa (Cassius, 2023).

O fato de não terem uma estrutura familiar na qual pudessem se apoiar resultou na necessida-

de de ambos terem que, de forma precoce, começarem a trabalhar. Fanon (1961, p.48) atribui tais semelhanças a uma “superestrutura mágica que impregna a sociedade” e faz com que as pessoas naturalizem os espaços sociais que ocupam e realizem funções específicas delas esperadas na dinâmica social. Kauê conta que o seu primeiro trabalho foi como ajudante em uma barbearia aos onze anos de idade. Cassius, por sua vez, teve que ser o que chamou de “arrimo de família”, e começou a trabalhar como ambulante, vendendo picolés pelo fato de nem ele, nem seus irmãos terem um pai.

E aí quando ele foi lá para [barbearia x], que ele abriu a barbearia dele lá no bairro, ele me chamou para trabalhar, que foi meu primeiro “trampo”, tá ligado? Eu estava com 11, 12 anos, mais ou menos. E aí todo sábado, né, ganhava 50 reais por sábado. Para varrer e colocar a capa nos clientes. E aí nessa época, ele me ofereceu uma oportunidade de aprender a cortar cabelo. Falou assim: você quer aprender a cortar cabelo? Eu te ensino. Mas aí era moleque, tipo, acabei que nem peguei nem nada, entendeu? Eu falei, ah, quero não, mano. Deixa para lá. Depois de um tempo, com 14 anos, eu estava desempregado, não tinha nada para fazer, ele me chamou novamente para fazer um curso e dessa vez eu aceitei. (Kauê, 2023).

Nunca fiz um curso... lá atrás, eu conversava muito com Deus. Vendia picolé. Todo mundo sabe disso, vendia picolé. Eu subia o morro orando, conversando com Deus que eu sabia

que eu tinha algo muito grande na minha vida ainda, então não ia ser aquilo. Só que eu vi um rapaz mais velho disputar comigo quem vendia mais. Só que eu falava para ele, “cara, eu vendo mais que você, mas não quero ser melhor que você”. Porque eu não quero isso aqui para mim. Isso aqui é uma fase. Porque eu consigo levar comida para casa, comprar roupa para os meus irmãos, que eu era o cara mais velho, era o arrimo de família, então eu tinha que ajudar meus irmãos (Cassius, 2023).

No caso do Kauê, a forma como ele descreve sua própria história, ao ter começado a trabalhar aos onze anos e dizer que aos quatorze ele estava “desempregado”, como uma condição normal para a vida dele e de jovens negros da sua idade, sem enxergar os problemas do trabalho infantil, mostra o quanto tal superestrutura mágica normaliza as subcondições de sobrevivência em que ele se encontrava pelo fato da sua mãe estar com problemas de dependência. Sobre como o racismo se estrutura nas sociedades ocidentais, podemos retomar a leitura de Fanon (2021, p 6.), ao afirmar que “o racismo é a gramática moderna da política, da economia, do ethos social e da produção do conhecimento”. Por sua vez, Almeida (2019) cita Foucault que trata o racismo como uma tecnologia de poder, e não só como uma ideologia ou discurso de um grupo. A referência de Foucault está na produção também de Hall (2006. p. 41-42) que descreve o poder disciplinar, do pensador francês,

como o “objetivo de regular as vidas, atividades, o trabalho, as infelicidades e os prazeres do indivíduo”, a fim de produzir um ser humano com características dóceis. Mbembe (2003, p. 2), se baseando no conceito de biopolítica de Foucault, apresenta o conceito de necropolítica, apontando um nível ainda maior de complexidade na leitura das relações do poder soberano na seleção de quem vive ou morre, a partir de uma leitura centrada na vivência de um intelectual africano. Segundo ele, “ser soberano é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder”. Poder que pode ser comprovado no quanto esta questão (do racismo, sobretudo estrutural) interferiu na vida de ambos os colaboradores citados, colocando-os em condições que não eram ideais para sua idade, os privando da oportunidade de estudo, ou até mesmo de pensar uma carreira com mais cuidado.

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro, o discurso da meritocracia é altamente racista, uma

vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos à desigualdade racial (Almeida, 2019, p. 66-67).

Cassius por ser de uma outra geração, traz relatos ainda mais cruéis sobre a sua infância e início de trajetória profissional, aos dez anos de idade percebeu que sua mãe estava em condições análogas à escravidão, e já na juventude, ao prestar um concurso público para a Guarda Municipal, sentiu na pele os efeitos do racismo institucional:

Com 10 anos de idade eu morava em São Paulo, morava nos fundos da casa dos patrões da minha mãe. Minha mãe trabalhava em regime de escravidão. Eu, com 10 anos, já percebi isso. Eu comia pior do que o cachorro dos donos. Eu comia ovo e arroz naquela época, achava que ovo e arroz era comida de pobre. Eu percebia isso que o cachorrinho deles comia carne moída todos os dias e eu comia ovo. Então, eu percebi que a minha mãe trabalhava o dia todo e só ia descansar no fundo da casa da mulher. Ou seja, em regime de escravidão, né? Só que eu com 10 anos eu tinha mais conhecimento do que a minha mãe. Eu já era um garoto mais esperto, então eu comecei a perceber e indagar, questionar, até eles a mandarem embora porque perceberam que uma hora iriam arrumar confusão de ter um garoto de 10 anos que já enxergava isso (Cassius, 2023).

Eu tive 4 anos de intercâmbio antes de abrir o salão, porque eu não queria ser barbeiro. Eu cortava o cabelo, mas eu tentei concursos, estudei bastante, fiz SENAI, fiz PAMEV, fiz ou-

tros cursos, entendeu? Eu tentei. Fui Guarda Municipal. Na Guarda Municipal por que eu não dei certo? Perseguição, cara. Fui perseguido desde o dia que eu entrei, até o dia que eu saí. Eu tive que brigar lá dentro, luta corporal, eu tive que negar cocaína, tive que negar maconha. Eles queriam oferecer, eu não sei se eles queriam me pegar, ou se só queriam... entendeu? Tanto que no dia que me ofereceram, eu falei assim: oh, não façam isso, você quer mexer com droga, mexa, mas não me chame. Durante o curso eles ficavam me perguntando, você já mexeu já?... já mexeu, neguinho? Eu: não, não e não. Aí no dia da formação da Guarda Municipal, eles me chamaram no cantinho: “Vamo fazer uma inteira aqui para comprar uma cocaína lá em Três Corações”. Falei espera aí e avisei o comandante. Foram 11 meses de perseguição, enquanto um comandante, que era branco, ele chegou em mim, na sala dele, falou assim: oh, a minha última missão aqui dentro é tirar você. Cheguei a entrar em depressão, coisa que pouca gente sabe. Eu já era barbeiro, já tinha salão na Rua São Paulo. Entrei em depressão... Peguei a farda, que eu tinha na Guarda e pus fogo. Fechei o salão, fiquei lá dentro por três semanas. Minha mulher largou de mim. Ela levou minha filha para casa. Foi a fase mais difícil da minha vida, por causa de quê? Perseguição. Sempre, sempre alguém. Eu saí de lá com a cabeça ruim. A psicóloga me diagnosticou com depressão. Ela falou assim: eu vou te afastar”, eu falei não, eu quero sair. Eu vou cortar o mal pela raiz. Porque todo psicólogo fala isso com você: você tem duas opções. Ou você sai, ou você

encosta e volta depois, melhor. Só que pode voltar a ter depressão. Porque as pessoas que estão aqui não vão sair (Cassius, 2023).

Enquanto os homens negros sofrem de uma forma explícita e objetiva as consequências do racismo, as mulheres, pela soma das questões de gênero, sofrem pressões dobradas, sofisticadas e veladas, intrínsecas à cultura opressora que formou o imaginário coletivo do Estado Nação, que interferem na autoestima, e na autopercepção. Tais questões são desdobramentos das relações de poder, sobre as quais Angela Davis (2016, p.86) apresenta em seu livro “Mulheres, Raça e Classe”, “a imagem da mulher negra como cronicamente promíscua”, além de historicamente conviver com diversas formas de violência, como assédio e estupro no trabalho. No Brasil, tais abusos são práticas arraigadas da cultura escravocrata desde a chegada dos portugueses - século XVI, primeiro com as mulheres pertencentes aos povos originários e depois as africanas raptadas e trazidas de maneira forçada ao solo brasileiro. Como resultado desta prática, as mulheres engravidavam de seus sequestradores, e por consequência, gerariam uma nova vida passível de escravização. Somente no último terço do século XIX, com a Lei nº 2.040, chamada de Lei do Ventre Livre (Brasil, 1871), é que a sociedade brasileira passa a ter um instrumento legal para coibir - mesmo com muitos limites – este comportamento violento e suas conse-



quências, e, declara os filhos dessas mulheres escravizadas como indivíduos livres. Legislação que comprova o apontamento de Angela Davis (2016), feito em relação a outro país, e elucida a análise de Djamila Ribeiro (2018, p. 97) ao dizer que “vivemos em um país onde o Estado controla o corpo das mulheres, de modo que elas precisam passar por situações de descaso e desespero”.

Aquele homem ali diz que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (Truth, 1851, no site Geledés).

Para que as afroempreendedoras consigam realizar o sonho de exercer suas profissões, enfrentam diversos outros obstáculos colocados não só pela sociedade, mas até mesmo por suas pró-

prias famílias. Uma particularidade desta pesquisa é que todas as mulheres passaram por um período de trabalho em jornada dupla, sem considerar o trabalho que realizavam em casa, desempenhando uma função, primeiramente, mais convencional em horário comercial e nos dias úteis, seja ainda como menores aprendizes ou contratadas CLT, e no período da noite, ou aos fins de semana exerciam as funções que verdadeiramente gostariam de realizar. Lauryn e Monique tiveram essa divisão de jornada ainda na adolescência enquanto menores aprendizes, já Serena e Sarah se dividiram na fase adulta, Serena inclusive no período da entrevista ainda estava como CLT.

[...] eu brinco foi as tranças que me escolheram. Porque eu estava terminando o ensino médio, eu tinha o quê, 17 anos? [...] Eu trabalhava fora ainda. Eu lembro que eu trançava na parte da noite, depois das 18h, e na parte da manhã até às 14h e depois eu ia para o [antigo emprego] trabalhar e depois eu trançava à noite. Eu trabalhava, terminava meu expediente às 18 horas e depois eu ia fazer outra trança. Geralmente sempre tinha duas, porque como o valor era mais em conta, eu estava precisando de modelo, então o pessoal gostava muito disso e acatava. E eu acabava por volta de uma, duas horas. Eu cheguei a terminar três horas da manhã. Teve uma cliente que eu tive, que eu fui fazer a noite, eu acabei a trança dela quase cinco da manhã, tive que ficar esperando o primeiro ônibus para poder ir embora

para minha casa, para poder dormir e depois trabalhar. (Lauryn, 2023).

Eu conseguia administrar, trabalhar no horário comercial e atendia clientes antes e depois do horário. E onde eu trabalhava, também atendia. Porque tinha um espaço lá e era uma loja de maquiagem. Acabou que agregou muito tanto como experiência, né? [...] Eu peguei a sala do meu apartamento e fiz meu espaço lá. Por exemplo, eu atendia depois das 18h, então atendia 18h30, 19h, 19h30, 20h. Tinha dia que ia até às 22h. Tinha cliente meio doida e ia até tarde. E muitas pediram, né? Será que não tem como fazer mais cedo e tal? Eu explicava a condição, muitas eram compreensivas, mas, querendo ou não, tinha como atender todo mundo. Então, estava dispensando muita cliente. E quando eu parei para pensar, que tipo assim. Pra pensar não, né? Quando eu fizer as contas que uma cliente que eu fizer, 2 clientes que eu fizesse, eu ia ganhar muito mais do que trabalhando em uma loja, por que que eu estava perdendo tempo, né? (Monique, 2023).

Eu sou auxiliar administrativa, sou designer de sobrancelha e trabalho vendendo apliques. [...] Nossa, eu penso em sair da CLT o mais rápido possível. [...] Então eu acordo cedo, entro no serviço às 8, é das 8 às 18h. E a partir das 19 horas eu começo a atender como designer de sobrancelhas na minha casa mesmo. E quando é algum aplique para confecção a partir desse horário também eu já começo a confeccionar. [...] eu sou uma pessoa muito insegura, sou muito perfeccionista, então eu tinha na minha cabeça, que assim, se eu não tiver o espaço, se eu não tiver as coisas tudo certinho, eu não

vou começar. Se eu não estiver entregando um trabalho bom, eu não vou começar, entendeu? Então, sempre tive na minha cabeça que se não está bom para mim, eu não começo (Serena, 2023).

As três entrevistadas acima, por mais que tenham encontrado obstáculos para conseguirem exercer suas funções de forma integral, tiveram menos dificuldades que Sarah, que adiciona mais um fator interseccional em sua história, por ser filha adotiva e ter pais brancos. O seu relato sobre sua trajetória profissional será apresentado abaixo de forma mais longa devido a quantidade de percalços, desvios e mudanças de rota que ela teve que fazer, até conseguir aos 24 anos, finalmente, se tornar uma cabeleireira em tempo integral. O que pode ser creditado a uma falta de referências negras em sua formação social primária.

[...] eu sou filha adotiva, meus pais têm cabelo liso. E na minha época de criança cacheada, já não tinha tanta informação, não tinha tanto produto, não tinha referência, não tinha nada. E era mais fácil alisar. Minha mãe sempre teve muita paciência de cuidar do meu cabelo da forma que fosse, mas, era mais fácil ter cabelo liso, todo mundo tinha, na minha volta e eu queria ter cabelo liso também. E era mais fácil pra mim, pra ela (a mãe) me ajudar arrumar. Eu sempre alisei. Alisei desde muito nova. Eu acredito que desde uns nove anos, oito, nove anos (Sarah, 2023).

Desde pequena eu gosto e me identifico com a profissão. Só demorei muito para enxergar isso, mas desde as brincadeiras, tudo levava para esse caminho. Quando brincava de boneca, que eu pintava o cabelo, cortava... Modificava o cabelo de todas as bonecas que eu tinha, tipo Suzy, que cabelo é comprido, então, eu modificava todos os cabelos, eu pintava. Depois é uma fase mais adolescente, assim. Eu arrumava o cabelo das minhas vizinhas que eram mais velhas que eu. Passava uma chapinha para elas irem na Praça da Fonte, porque eu não tinha idade para ir, né? Mas arrumava o cabelo, fazia hidratação, secava e passava chapinha. Teve uma amiga em específico que eu arrumava o cabelo dela todo domingo, para ela sair. Eu devia ter 10 anos, 11 anos e ela uns 13, 14. E aí, a percepção maior era dos adultos, né? E aí, a mãe dela falava: nossa daqui uns dias você pode cobrar! Porque ficava bem-feitinho. Não pensava em cobrar, nem pensava como profissão. Eu gostava e pronto. [...] E a minha cabeleireira, que alisava meu cabelo e que fazia tudo para mim... Ela tocava muito na tecla comigo. É claro que ela não ia falar, deixa o CEFET e vem pro salão. Mas sempre falou: "você gosta, não esquece disso, que você gosta". E aí, quando tinha feira, essas coisas, depois que eu fui ficando maior, né? Acho que eu fui à feira com ela, eu devia ter uns 17 ou talvez 18. Ela sempre me chamava, sempre falava, vamos, você vai gostar na hora que você enxergar o mundo do salão. E realmente gostei muito de ter ido, mas mesmo depois de ter ido na feira, ainda demorou para cair a ficha. [...] Tenho uma prima que começou a

arrumar o cabelo comigo e tal. E eu arrumava tudo dela toda semana. Aí eu já comecei a cobrar. Era simbólico, mas na época eu cobrava 20 reais, 15 reais. [...] Estudava de segunda a sábado, e domingo fazia o cabelo da minha prima, de tarde. [...] Enquanto estudava edificações no CEFET, eu descobri que não gostava igual eu achava que eu gostava. Na época que eu fiz estágio, eu fiz estágio com arquitetas. Todos os dois estágios que eu fiz foram com arquitetas. Eu gostei. Eu gostava de desenhar móveis. [...] Essas partes eu gostava, mas, fora isso, não gostava, eu não tinha a facilidade de reproduzir aquilo que precisava, entendeu? Então, eu tinha que estudar demais. Eu tinha que me dedicar demais e ainda não era o que gostava... porque quando você tem dificuldade de uma coisa, se dedica, e aí você vê o resultado e você gosta, ótimo, mas eu, nossa, ficava quebrando a cabeça e eu não gostava. Aí decidi escolher fazer psicologia como graduação, porque na minha cabeça, eu ia me dar bem como psicóloga. Que foi uma frustração pra todo mundo, porque eu deixei a engenharia para ser psicóloga. [...] Eu até brincava com 2 amigas que eu tenho até hoje, que a gente ia fazer estética juntas e elas fizeram e eu não fiz. Eu brincava isso no primeiro ano do ensino médio. E aí eu entrei no CEFET. Aí bagunçou muita coisa. [...] Aí larguei mão, só fazia o cabelo da minha prima. Larguei mão por um tempo de estética, só cuidava de mim mesma. [...] Depois eu escolhi fazer Recursos Humanos porque na minha cabeça tinha relação com psicologia. Aí eu iria conseguir um emprego e depois conseguir pagar minha faculdade de

psicologia. E fui. O RH era tecnólogo, era dois anos. A mensalidade era um valor que eu conseguia pagar e meu pai ajudou. [...] eu gostava de RH. Não tanto da parte de departamento pessoal, essas coisas não. Mas bem da parte humana mesmo. Depois que eu saí da empresa de internet, eu trabalhei num caixa de uma loja. E foi bom. A experiência foi muito boa porque sempre fui uma pessoa muito tímida e no caixa eu tinha que conversar com as pessoas, tinha que sorrir. Eu não estava acostumada com aquilo. E aí, me preparou de alguma forma, tipo, tudo que eu tenho hoje, que veio do passado, me preparou também, não era onde eu queria chegar, mas me ajudou de alguma forma. E depois eu fui para uma empresa de educação. E quando eu saí desse lugar, eu arrumei um serviço numa construtora, porque até aí, até então, eu tinha um pouco de medo de não ter carteira assinada. Essas coisas que a gente põe na cabeça. E na construtora o meu sábado era livre, aí eu comecei a trabalhar de novo como cabeleireira. Tinha uma cabeleireira que tinha trabalhado com meu pai. Ela tinha um salão, ela era muito boazinha. Ela me arrumou na minha formatura. E aí eu pedi para ela para eu ir todo sábado, aí eu voltei a praticar. Depois fiquei com ela quase um ano indo todo sábado... Eu tinha 21 ou 22... perdia meu sábado, então, tipo assim, até eu focar nisso, demorou um pouquinho por imaturidade mesmo da vida. Aí de lá, do salão que eu estava, eu saí, saí da construtora, fui para outra empresa, que é de adesivo. E aí foi o divisor. Porque eu já não aguentava mais trabalhar em empresa, não aguentava mesmo, de não querer. [...] Eu

não gostava mais desse ambiente assim. Eu não estava aguentando, eu não aguentava. [...] E aí eu achei um salão e fui. Só que assim, ainda dei umas cabeçadas em alguns salões, mas tudo serviu de experiência. Fixo, faz 6 anos que estou na carreira da estética, desde os 24 anos (Sarah, 2023).

Como pode ser percebido neste relato de Sarah e nos outros entrevistados, os efeitos da estrutura do racismo fazem com que dificilmente exista uma tradição em famílias negras de terem gerações diferentes de profissionais atuando no mesmo ramo. Apenas Serena iniciou sua carreira sob influência da sua irmã mais velha, que é da mesma geração na família e foi a primeira do segmento. Entretanto, nem a figura dela fez com que a entrevistada optasse por ingressar na carreira da estética de forma definitiva, mantendo seu trabalho formal. Enquanto isso, em famílias brancas, há gerações de médicos, advogados, dentistas, empresários, dentre outras ocupações em que as gerações vão herdando possibilidades de acesso ao conhecimento, à estrutura e ao direcionamento de carreira das gerações passadas, tornando a experiência de desenvolvimento pessoal e profissional menos conflituosa que a de pessoas negras, como os entrevistados deste trabalho.

Apesar da maior complexidade envolvendo os contextos de atuação das afroempreendedoras, o cenário para uma segmentação de público para

elas acaba sendo mais interessante, se trabalhado da forma correta. Por serem mulheres negras e estarem se especializando em atender demandas de outras mulheres negras, o racismo faz com que existam menos profissionais que detém o conhecimento (por falta de acesso a ele, ou por não ser um direcionamento com prestígio social), logo surge a oportunidade de ocupar uma fatia de mercado inexplorada, que neste trabalho será chamada de “oceano negro”, fazendo uma alusão e ressignificação da estratégia oceano azul de Kim e Mauborgne (2005), fundamentada na visão de Light (2007) que trata do tema como economia étnica, que é um mecanismo de sobrevivência, geração de emprego, renda e de emancipação para povos diaspóricos a partir da sua própria cultura originária e ancestral, por encontrarem barreiras na inserção do mercado formal nas sociedades em que convivem.

Kim e Mauborgne (2005) analisaram 150 movimentos estratégicos em mais de 30 indústrias durante um período de 100 anos para elaborar a teoria do Oceano Azul, que é uma analogia a um ambiente pouco explorado, onde identificam as práticas das empresas que conseguiam criar novos mercados de consumo, ao invés de competir em mercados existentes e concorridos, onde a disputa por clientes acaba gerando uma “sangria” de recursos, deixando assim o oceano com a cor vermelha. Partindo dessa metáfora, o que o pesquisador

entende por “oceano negro” é uma mistura de referências, dos autores supracitados e também das cores que representam a bandeira do panafricanismo, cujas cores vermelho, preto e verde representam respectivamente o sangue dos povos negros derramado ao longo dos últimos séculos na tentativa de libertação e emancipação, a cor da pele dos povos africanos e da diáspora e as terras prósperas do continente africano (Crampton, 1989). Portanto, o “oceano negro” é uma alternativa de mercado que prioriza suprir as demandas reprimidas da população negra, que tem um excelente potencial de consumo, conforme os dados apresentados na introdução. O oceano vermelho nessa analogia combinada representa não só o mercado competitivo tradicional, mas também as consequências da precarização do trabalho e a falta de valorização da mão de obra técnica no país. Existe ainda a alternativa de um outro estágio de maior maturidade do afroempreendedorismo, um terceiro oceano, o verde, que na bandeira panafricanista simboliza a prosperidade, representa o futuro idealizado do mercado, que vai além de suprir as demandas funcionais e emocionais do povo negro, e abarca o desenvolvimento real de cadeias produtivas sobre o controle dos afroempreendedores, desde a produção e transformação de matéria prima, até a distribuição e comercialização desses produtos e serviços. Isso indica a necessidade de formulação de políticas públicas que fomentem tais questões e

aprofundem o conhecimento e a forma de capacitação desses afroempreendedores, a fim de ampliar o horizonte de atuação das novas gerações de indivíduos das famílias negras dentro dos mercados.

No Brasil, como o mito da democracia racial, numa visão superficial, não se considera que as pessoas negras que aqui nasceram, sejam um povo em diáspora. Entretanto, existe um movimento que Stuart Hall (2006) classifica como “erosão da identidade mestra”, que ocorre ao analisar-se a complexidade das relações sociais, institucionais, políticas e de poder, os intelectuais negros contemporâneos, colocam os afrodescendentes que nasceram em países fora do continente africano como povos diaspóricos. Os estudos de Domingues (2017) apontam a visão primariamente posta pelas produções de Marcus Garvey, quando idealizou o movimento panafricanista, que defendia que o único caminho para uma emancipação verdadeira da população negra seria a independência financeira total dos povos negros em relação aos brancos, com a integração dos povos africanos de todo o globo (continente e diáspora) para promover o desenvolvimento de cadeias de produção, de diversos segmentos, sob o domínio de pessoas negras. Inspirado em Garvey, o intelectual afro-brasileiro Abdias do Nascimento (2009) criou o conceito de “Quilombismo”, que é inspirado no pensamento panafricanista. Ambos os conceitos, somados às teorias de Light (2007) e Kim e Mau-

borgne (2005), dão a possibilidade de identificar o potencial de aproveitamento do público de mulheres negras pelas afroempreendedoras entrevistadas, conforme o relato das mesmas sobre suas atuações:

Eu estou especializando em penteados afros, principalmente porque o público preto tem muito pouca margem para penteado. Tudo era alisar o cabelo da preta para poder casar. Eu falava, eu não admito, eu não vou casar assim, eu não vou casar de trança comum. Mas eu também não vou casar com cabelo liso. Então, assim eu vou fazer o que no meu cabelo? Eu falava, quando eu casar, eu quero casar com um penteado incrível. [...] E aí, ano passado eu tive conhecimento de uma moça fenomenal, ela chama Patrícia Tavares. Eu olhava o absurdo de bonito que eram os penteados que ela fazia. O quanto as modelos ficavam realizadas, né? E eu olhei, falei, cara, eu preciso disso, eu quero isso, eu quero trazer isso aqui para Varginha. Porque é muito raro aqui. Aqui não tem, não tem ninguém que se especializa no cabelo crespo, sem escovar ele. [...] E aí o pessoal vai vendo, vai ficando tipo “meu Deus, dá pra fazer isso?” (Lauryn, 2023).

O relato de Lauryn torna tangível o conceito do “oceano negro”, ao exemplificar a inovação de valor que um penteado de casamento com a estética africana traz para as práticas normais da prestação deste tipo de serviço, que naturalmente engloba um valor agregado maior que um pentea-

do para outras ocasiões. Agora, para atingir o pátio de um oceano verde, o negócio de Lauryn poderia não só oferecer o serviço estético, mas também de cerimonial, buffet, produção audiovisual, spa, entre outros modelos de negócio da cadeia que envolve uma celebração de matrimônio. Nas entrevistas com os demais colaboradores, são notórias as possibilidades de ocupação de uma fatia de mercado inexplorada que os afroempreendedores atacam, mas ainda de forma tímida:

Do aplique é mais pessoas negras mesmo que me procuram. Pessoa que está passando pela transição capilar, que é uma boa opção para passar pelo processo. E é o público negro mesmo. [...] Do design também o público a maioria são pessoas negras, viu? Eu acho que é por eu ser uma pessoa negra, as pessoas sentem eu acho que mais confiança, outras pessoas negras sentem mais confiança no meu trabalho. [...] Olha já me falaram sim, que eu sirvo de inspiração pelo meu jeito, pelo jeito de me vestir, pelos cabelos, design e tal. (Serena, 2023).

Igual essa pegada de terapia capilar é muito legal porque tem muito problema a ser resolvido. Tem muitas características que é exclusivamente dos negros, então tem muita coisa que a gente está aprendendo que é mais em pessoas negras. Por forma do cabelo, de que vem da raiz, que vem do bulbo. (Sarah, 2023). [...] principalmente na área da maquiagem é muito difícil perguntar uma preta que não teve uma experiência frustrante, sabe? Que

ficou cinza, ou então que ficou branca mesmo. Então meio que é difícil também uma preta querer maquiagem com algum profissional branco, por conta de experiências negativas, sabe? [...] eu mesma quando eu tinha meus 15 anos, fui para uma festa de debutante, né? De uma amiga e bom, era a primeira vez que eu ia maquiagem profissionalmente. Então estava tudo feliz e tal. Aí saí do salão cinza. Aí eu fui para casa, tirei a maquiagem tudo, e refiz. Eu tinha, já sabia mais ou menos como que fazia e eu fiz. [...] eu pretendo ampliar meu espaço e eu gosto muito de ministrar curso hoje, muito, então acho que é uma área que eu queria investir. E, principalmente, por conta disso também, sabe? Tipo assim. Ter conhecimento de pele preta, que tem produtos no mercado hoje que você pode estar oferecendo que vai oferecer um serviço tão bacana quanto de pele clara. Porque isso é o básico, sabe? É, não deveria ser um aperfeiçoamento para a pele preta? Deveria abranger desde o primeiro curso, que é o arroz com feijão. (Monique, 2023).

A segmentação de mercado de produtos e serviços para o público preto não é recente, como a própria história de Madam CJ Walker exemplifica (Bundles, 2001). Porém, a empreendedora afroestadunidense é uma exceção. Por mais que o mercado étnico venha se desenvolvendo, ele ainda não é trabalhado de forma sistematizada e profissional como o mercado geral de cosméticos e serviços de beleza, de modo a dar origem ao oceano

negro, onde existem muitas oportunidades de navegar e gerar diferenciação, eliminando as experiências negativas do racismo, reduzindo a falta de proximidade e conhecimento da empresa sobre o comportamento, preferências e necessidades do público negro, elevando o padrão de qualidade dos produtos e serviços, e também da experiência de consumo, uma vez que os afroempreendedores compreendem de maneira mais profunda os problemas e dificuldades que seus clientes enfrentam, como mostra o relato de Lauryn no trecho acima sobre não querer casar com o cabelo liso, ou tranças comuns. Por último, é possível criar categorias, produtos e serviços, que vão gerar a diferenciação competitiva necessária para agregar mais valor ao negócio, aumentando a atração de novos clientes, a rentabilidade e até mesmo o tamanho do mercado endereçável (Kim e Mauborgne, 2005).

### **Relações primárias e secundárias: o papel da família e da sociedade na construção da identidade e do significado do trabalho para o afroempreendedor**

Para elaborar a temática desta seção, é necessário construir primeiramente uma teorização sobre a formação da identidade por meio das relações sociais. Esta fundamentação será desenvolvida pela produção de autores como Stuart Hall (2006) que discorre sobre a identidade cultural na

pós-modernidade, Susana Siedmann (2015) que relata sobre a identidade pessoal e subjetividade social, Paula Chies (2010) que intersecciona questões de gênero para a formação da identidade, Claude Dubar (2012) com a construção de si pelo trabalho e também Bernard Lahire (2015) que aborda a fabricação social dos indivíduos, desenvolvendo uma argumentação profunda sobre socializações primárias e secundárias. Posterior a esta teorização inicia-se a triangulação com os resultados obtidos nas entrevistas, identificando o papel da família na construção do sentido, do significado e do percurso profissional dos afroempreendedores, pautado na visão de Pedro Bendassolli e Sonia Guedes (2014), Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012) que complementam com a tese de racionalidades instrumentais e substantivas, e por fim, é evidenciado como a sociedade interfere na formação destes afroempreendedores.

A formação da identidade é um fenômeno estudado e classificado de diversas maneiras pelos pesquisadores do campo da sociologia e psicologia. Existem semelhanças e diferenças entre as concepções e de uma maneira geral, quem se aventura a teorizar sobre o assunto, estabelecendo que a identidade tem relações entre o sujeito e o grupo no qual está inserido.. Outro fator destacado nas obras dos intelectuais é a própria percepção e compreensão do sujeito sobre si mesmo, sobre os outros e sobre como o grupo vê esse sujei-



to, embora este ponto demande uma evolução da consciência do ser, de acordo com o ganho de maturidade da criança, do adolescente e do adulto. Hall (2006) descreve que a identidade é constituída na interação entre o “eu” e a sociedade. Ele ainda faz uma analogia de que o sujeito está “suturado” a sociedade, sendo incapaz de construir a sua identidade por si só, tendo o que ele chama de “eu real” sendo moldado a partir dos estímulos dos mundos culturais exteriores. Para ele “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). Esta perspectiva é reforçada por Chies (2010) ao falar das relações entre a “identidade para si” e a “identidade para o outro”, que herdamos subjetivamente identificações do meio em que habitam, podendo aceita-las, ou até mesmo recusá-las, fazendo projeções de novas identificações. Siekmann (2015) chama isto de perpetuação do entorno mediante as atividades habituais e automáticas de reciclagem e reprodução das práticas sociais. Dentro das entrevistas, a teoria se conecta a prática pelo relato de Cassius, que pelo fato de não ter um pai presente, buscou esta identificação masculina em suas relações secundárias, reforçando a heterogeneidade desta construção identitária apontada por Lahire (2015):

[...] Quando era garoto eu conheci um militar na rua da minha casa. E como eu tive uma infância muito difícil, eu via que aquele militar dava uma condição boa para os filhos dele. Então, geralmente nós somos fruto do meio que nós vivemos, né? [...] Só que eu escolhi me identificar com o negro da rua, o negro da rua que era militar. Ele era cabo do Exército e quando chegou a idade, eu quis ir pro exército. Tanto que quando chegou a idade, eu tinha um emprego bom lá na Plascar e me ofereceram faculdade na época e eu disse não para tudo isso para ir para o Exército. Abandonei a escola, porque faltava um ano e fui para a ESA, porque era um sonho que eu tive. (Cassius, 2023). Eu sou filho de branco. O cara, é diretor do [Instituição Financeira de Varginha] e talvez eu não seria barbeiro se ele tivesse feito a parte dele. Então, até isso Deus trabalhou na vida, não me deixou ter pai para eu ser um bom pai, entendeu? Entendo assim, antigamente eu culpava. Hoje, eu não culpo mais, hoje eu entendo que Deus quis isso. Quis que eu fosse pai, e não filho. (Cassius, 2023).

Ao incluir questões de gênero no panorama da formação identitária, Chies (2010) aborda como a falta de poder das mulheres no contexto social influencia nas decisões que estão relacionadas até mesmo com seus próprios futuros, ocupando uma posição subordinada e tendo expectativas de outras pessoas sobre suas carreiras baseadas em estereótipos, uma vez que o que se espera de uma mulher na vida profissional e até mesmo pessoal, é

diferente do que se espera de um homem. Esta desigualdade de gênero também está arraigada na construção da identidade nacional, a exemplo de como a educação era tratada pelo Estado até as primeiras décadas do século XX, conforme a pesquisa de Silva (2017) sobre as Escolas Mistas na República, onde existia uma segregação intencional entre crianças dos gêneros feminino e masculino, que recebiam conteúdos diferentes. Segundo a pesquisa conduzida pelo Projeto Querino (2022), o “currículo da educação feminina mal passava das primeiras letras e das primeiras operações aritméticas e incluía bordado, música e tudo mais que fosse necessário para uma futura mãe de família daquela época”. A época citada no quarto episódio do podcast do projeto é 1847, ano em que Maria Firmina dos Reis, filha de uma mulher escravizada, fundou a primeira escola mista e gratuita do Maranhão e uma das primeiras do Brasil, após passar no concurso público para a cadeira de primeiras letras do sexo feminino em Viamão-MA, sendo pioneira na oferta do mesmo conteúdo para ambos os sexos (LITERAFRO, 2023).

Claude Dubar (2012), destaca que os jovens, principalmente, não acessam o reconhecimento que esperam do seu entorno e que este problema interfere diretamente em como o indivíduo irá construir a identidade do seu trabalho. Um exemplo deste fenômeno está presente na história de Lauryn Hill, que é trancista, mas não obtém o

reconhecimento da profissão nem pelo seu pai, figura masculina que exerce poder sobre a sua família, refletindo inclusive na perspectiva de carreira da sua irmã mais nova, e também não acessa o reconhecimento externo quando conta qual é a sua profissão para outras pessoas:

[...] o meu pai nunca considerou que trança fosse render dinheiro, entendeu? Porque ele sempre falava “você precisa de um emprego de verdade”. Agora que ele começou a aceitar, que aí a época eu comecei a ajudar mais em casa, ele falava: ah, mas e daí? Você está desempregada. Para mim você está desempregada. E quando eu mudei para o salão, ele continuava achando isso, mas ele viu que eu tinha um espaço e a ficha dele caiu quando eu mudei para cá. Mas sempre tive esse medo, esse receio, porque ele nunca tinha considerado um emprego. Ele começou a reparar muito que realmente estava vingando, quando eu estava emprestando o dinheiro para ele, que aí pegava tipo, nossa, ela tem, né? (Lauryn, 2023).

Eu me cobro sempre para eu tentar ser o mais profissional possível. Para parecer que eu sou uma pessoa séria, porque o pessoal olha para você, tipo nossa, é muito novinha. Só faz trança. Qualquer lugar que eu chego, ah você faz só trança? Você trabalha só com trança? Você faz trancinha? E aí, tipo, ninguém enxergava isso como uma carreira. Agora que as tranças estão sendo consideradas como profissão. E aí quis entrar mais para a área do penteado também. Aí, isso foi ajudando, mas ainda tenho insegurança. (Lauryn, 2023).

O mesmo projeto do meu pai em mim, projetou na minha irmã também. Então, assim, por mais que ela esteja ganhando o dinheiro dela, ainda quer achar um jovem aprendiz para fazer, para a carteira assinar. A gente ainda tem muito desespero com carteira assinada. [...] Meu pai posta essa mesma pressão nela e aí acaba que ela, tipo, fica meio receosa, entendeu? Mas assim, ela está muito nova ainda, né? Ela tem 15. A gente trabalha junto, assim como a gente tá o tempo todo junto. A gente é irmã, mais família, não parece aquele negócio de emprego, não parece aquela cobrança, aquele profissionalismo, entendeu? (Lauryn, 2023).

A forma como Lauryn narra a falta de reconhecimento tanto por parte do pai, quanto por parte da sociedade, exemplifica o que Nancy Fraser (2007, p. 106) discorre sobre “o não reconhecimento como um dano à identidade, ela enfatiza a estrutura psíquica em detrimento das instituições sociais e da interação social”. Soares (2021) que faz uma análise sobre a contribuição da filósofa estadunidense para o debate sobre justiça, ressalta que a autora propõe uma nova perspectiva para a discussão sobre reconhecimento, saindo do campo identitário e indo em direção ao plano social e político, como uma luta por posição de igualdade na arena social, como um *status*. No exemplo de Lauryn, ela busca firmar sua profissão de trancista novamente como uma ocupação digna de prestígio social, assim como na época dos impérios africa-

nos (Santos, 2019). Algumas de suas expressões exemplificam o que Hall (2006) apresenta como terceiro descentramento da formação da identidade na pós-modernidade, indicando a produção do linguista Ferdinand de Saussure (1969), que argumentava que as pessoas não são autoras das afirmações que fazem, ou dos significados expressos na língua, que nos limita a posicionar os significados dentro da cultura da linguagem, que é um sistema social. Expressões como “um emprego de verdade”, “se você está em casa, você é desempregada”, “ser o mais profissional possível”, “só faz trança” e até mesmo colocar o trabalho no diminutivo, como “trancinha”, mostram como a linguagem pode interferir na autopercepção da afroempreendedora. Siedmann (2015) designa a linguagem como a identificação dos núcleos de sentido, com referências explícitas que constituem a compreensão das experiências, associando um conteúdo à ação que gera a interpretação do conceito semântico, o que ela nomeia como *themata*, enquanto Bendassoli e Guedes (2014) usam o termo oriundo da semiologia, signo, que une o significante com o significado, ou seja, a palavra ao conceito, ou imagem que ela se refere. Para o pai de Lauryn, ou para algumas pessoas que ela tem contato, ser trancista não significa ser uma profissional, ou possuir uma ocupação formal.

Na perspectiva da semiologia, o termo significado é definido como uma forma de represen-

tação psíquica ou uma imagem associada a um significante (Barthes, 1988). Assim, o significado da palavra trabalho (significante) seria a imagem do trabalho e o conceito (definição) que se tem dele. É por meio do compartilhamento social entre a associação do trabalho (representação psíquica – imagem) com o trabalho (a palavra – o significante) que se tem uma compreensão do que significa o trabalho. (Bendassoli e Guedes, 2014, p. 136).

O papel da família na construção do sentido, do significado e do percurso profissional dos afroempreendedores entrevistados é primordial. Pode ser na criação de barreiras e atritos, como são os casos exemplificados acima de Cassius e Lauryn, mas, na maioria das vezes, a família ocupa uma função positiva nesta construção. Acontecimentos que estão presentes de forma direta nas histórias de Monique e Sarah, e de maneira um pouco mais indireta nas vidas de Serena e Kauê. Monique e Sarah possuem a figura paterna como guias e provedores de seus percursos formativos, de construção da identidade, subsidiando suas escolhas de capacitação que culminaram na significação de seus trabalhos:

Meu pai virou e falou: por que que você não faz alguma coisa que vai agregar? Que você possa fazer durante a semana, já que maquiagem sai só final de semana? Só que inicialmente eu não quis não. Aí ele falou assim, eu te dou de presente. Eu falei, ah, não, então eu

vou, né? Aí eu fiz o curso. Tanto que no começo eu não fazia sobancelha. Eu só fiz o curso. Aí depois veio a pandemia. Aí acabou a maquiagem, né?! Aí foi quando eu comecei a trabalhar com a sobancelha. Foi a minha válvula de escape. E hoje é minha maior fonte de renda. (Monique, 2023).

[...] E aí, conversando com meus pais, o meu pai sempre falou para mim que eu tinha que ter duas profissões, porque ele tem duas profissões. Ele falou, eu acho que você tem que ter 2 profissões, você tem que pegar mais alguma coisa que você goste, porque na falta de um você vai ter outro. E aí você não precisa ficar dando tanta cabeçada igual você dá toda vez que você apavora. Aí eu fui ao SENAC, busquei um curso de cabeleireira, aí ele quis me ajudar a pagar porque sempre me ajudou. Ele e a minha mãe quiseram me ajudar a pagar. E aí eu fiz o curso, aí ficou os dois. Aí eu intercalava. Até era difícil, porque o horário, às vezes, no IPECONT era muito extenso. Chegava atrasada no curso ou não podia ir. (Sarah, 2023).

Kauê começou a frequentar barbearias por conta do seu pai o levar para cortar cabelo com um barbeiro que conheceu praticando capoeira, ou seja, a família ao permitir com que ele frequentasse tais espaços, acabou influenciando de maneira indireta, no início de suas identificações com a profissão.

[...] começou quando eu conheci o [nome do barbeiro], que eu conheci através da capoeira. [...] Comecei a cortar cabelo com ele. E aí, tipo,

fui gostando de fazer desenho na cabeça desde pequeno, meu pai levava no barbeiro, sempre fazia uns risquinhos na cabeça. Raspava a cabeça e fazia um risquinho. Era um pica-pau, uma aranha, um tribal. E aí quando eu conheci o [nome do barbeiro], eu percebi que, tipo, ele cortava bem e começou a me mexer com a minha cabeça. Falei não, isso aqui é da hora e tal. (Kauê, 2023).

Já Serena teve influência da irmã, conforme trecho citado na introdução. Lahire (2015) alerta que a família detém cada vez menos o poder e monopólio sobre a educação infantil, e ganham relevância outros quadros socializadores, considerados secundários, como as mídias de massa, instituições e outros grupos sociais, como a vizinhança, a escola, instituição religiosas, e outros adultos que terão contato com aquele indivíduo em formação. Assim, a família pode funcionar como um filtro, mas nunca como uma redoma impenetrável. Para Bendassoli e Guedes (2014), o sentido do trabalho é uma apropriação independente e singular do significado do trabalho, que é uma construção coletiva que tem características mais homogêneas. Já a função psicológica do trabalho é a articulação entre o sentido e o significado, que assume formas heterogêneas, que variam de acordo com a consciência e compreensões individuais dos sujeitos sobre suas profissões, a partir do contato com o externo. Racionalizando dessa forma o trabalho de forma instrumental ou substantiva, como apresen-

ta o trabalho de Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012). A racionalização do tipo instrumental tem uma visão mais utilitarista, de incentivos econômicos e aquisição financeira e de poder. Já a racionalização do tipo substantiva tem objetivos de autorrealização, satisfação, julgamento ético, autonomia, e valores emancipatórios e mais coletivos, como liberdade e bem-estar comum. Na pesquisa, os autores concluem que o sentido atribuído ao trabalho é composto por ambas as razões, de forma concomitante. Portanto, um trabalho que tem sentido deve garantir não só a sobrevivência, mas também promover a autorrealização e contribuição para a sociedade.

Ao analisar o conjunto de experiências de vida dos afroempreendedores entrevistados é possível compreender o papel das relações primárias e secundárias na constituição de suas identidades e das formas que significam suas ocupações. Cassius buscou nas relações secundárias aquilo que faltou na relação primária. E a própria relação primária o fez adquirir uma consciência racial e de classe de forma até prematura, aos dez anos de idade. Ao explicar que após muito tempo ele aceitou o fato de não ter um pai presente e que esse incidente o fez ser um bom pai para as suas filhas e que esta trajetória foi “desenhada por Deus”, trazendo um apego do entrevistado com sua fé, mostra também o papel de uma instituição que é secundária nas relações com o indivíduo, na for-

mação da sua identidade e de como ele significa não só o seu trabalho, mas também sua trajetória de vida, de acordo com a teoria de Lahire (2015). Para Lauryn, a relação – primária – com o pai acabava interferindo na sua autoestima profissional, como um exercício de defesa, ela racionaliza o seu trabalho tanto de forma instrumental, quanto substantiva, ao contar que agora é ela que empresta dinheiro ao seu pai, consegue pagar suas vontades com certa facilidade, mas também se orgulha do trabalho desempenhado em suas clientes, não só no sentido de autorrealização, mas também de contribuir para a sociedade a qual pertence, podendo ofertar, por exemplo, novos penteados para noivas negras conseguirem casar com um penteado que seja compatível à necessidade estética da ocasião.

## **Eficiência técnica versus habilidades de gestão, um paradoxo do desenvolvimento**

O ato de empreender por necessidade, ou vocação (Feira Preta, 2019), na maioria das vezes, não vem com um capital financeiro que permita uma fase de adaptação e aprendizagem mais longa. É comum que os afroempreendedores iniciem suas trajetórias já precisando obter uma renda que sustente a si mesmo, ou a sua família também.

Portanto, melhorar a eficiência técnica do desempenho de suas funções é a visão de curto, médio e longo prazo para estes profissionais. Fazer melhor e mais rápido é o que garante de forma imediata um incremento nos ganhos mensais. Tais características interferem não só na quantidade de clientes atendidos, mas também na percepção de valor atribuída à marca pessoal dos afroempreendedores, possibilitando com que eles cobrem valores mais altos pelos seus serviços. Com o passar do tempo, a curva de necessidade de aprendizado diminui, pois a prática do dia a dia os fazem ser melhores tecnicamente. Com essa evolução começam a surgir novos desafios, decorrentes do crescimento do negócio. Os ganhos começam a se estabilizar e a partir daí é preciso fazer sobrar mais dinheiro, que passa por uma atenção nos custos, quantidade de clientes atendidos no mês, entre outros. A habilidade de gestão dos afroempreendedores é que vai direcioná-los a um nível mais elevado de seus empreendimentos. Porém, mesmo que exista talento, sem uma capacitação específica de gestão, que é predominantemente teórica, é difícil que eles consigam analisar e compreender todas as variáveis que mantêm ou não os seus negócios estagnados. Ao serem questionados sobre seus planos de investimento em capacitação para melhorar seus negócios, os seis entrevistados colocam a parte técnica como prioridade de curto e médio prazo, deixando a formação acadêmica,

ou especialização em gestão para um futuro mais distante e incerto.

Nesta seção do artigo será discutido este paradoxo do desenvolvimento. Quais os motivos levam os afroempreendedores focarem em questões técnicas, enquanto o desenvolvimento acontece com o aprendizado de mercado, que é tático? Existe uma alternativa para que os profissionais consigam se desenvolver em ambos quesitos? A relação entre as respostas e desafios apresentados pelos colaboradores da pesquisa indicam um caminho possível de aprofundamento neste fenômeno, que será explorado respondendo aos dois questionamentos acima.

Na verdade, eu acho que se fosse pra escolher algum curso superior para fazer, seria alguma coisa voltada à administração para eu poder saber lidar mais comigo, com o meu dinheiro, com a minha empresa e tal, porque às vezes eu ainda não me enxergo como empreendedora, entendeu? [...] Então, é até pouca coisa por hora. Por agora, eu quero para ontem, eu quero cadeiras novas, eu quero melhorar o lugar aqui onde a gente está. E numa próxima, a longo prazo, eu quero já estar dando o curso. Eu quero pessoal fazendo trança para mim. Assim eu penso em colocar profissionais para fazer e eu ficar por conta de dar curso, entendeu? Fora a questão de vender cabelo também, que eu acho que é muito vantajoso (Lauryn, 2023).

Daqui 2 anos, eu já quero estar com o meu

negócio, da minha forma, se for uma sala para alugar num centro estético. Eu quero estar mais... eu sou autônoma, mas eu não sou autônoma, né? Então eu quero estar mais autônoma, eu quero estar mais preparada. [...] Porque as coisas vão se renovando e a gente não renova. Então já tem uns cursos que eu estou de olho para o ano que vem. [...] Aproveitar o movimento, mostrar o que eu sei fazer, me dedicar mais a terapia, porque é muito gostoso você cuidar de um cabelo de verdade. E a terapia não é só o cabelo. Você cuida da pessoa, você transforma a vida da pessoa. E eu gostei muito, então eu quero estar mais firme com a terapia, com mais clientes e trabalhar menos (Sarah, 2023).

Ai, eu me imagino num patamar altíssimo, se Deus quiser. Me imagino com um salão top em parceria com a minha irmã. Sabe bem... bem legal mesmo. [...] Ganhando assim, eu não tenho uma média assim, mas eu quero estar realizada é em relação profissional da minha vida, sabe? [...] Eu espero ganhar em média uns 4, 5, 6 (mil) por semana, uns 30 por mês. Uns 40! Muito mais, mais, né? Que o ramo da estética é uma coisa que assim, não para. Pode estar a crise que for, quando é um trabalho de qualidade, é uma coisa que você tem ali todo dia, toda hora consegue atender aí 15 clientes por dia, 15, 20, dependendo do horário, sabendo precificar hoje, ó, você tá no topo. [...] Sim, claro. Tem que ter, né? (conhecimento de administração) Eu acho que hoje em dia você tem que ter uma boa gestão, porque senão não dura por muito tempo o seu negócio. Senão vai à falência, fácil! Mas

por enquanto, especificamente, não penso em fazer uma graduação voltada a gestão, mas penso em procurar no futuro sim (Serena, 2023).

Cara, em questão de faculdade eu não penso. Preciso aprimorar a parte técnica, porque só fiz dois cursos. Um que foi o definitivo pra aprender cortar cabelo. E o outro foi só para aperfeiçoar (Kauê, 2023).

Eu penso em fazer curso superior sim, mas não agora, para hoje, penso posteriormente. [...] Ah, não, com certeza a parte mais chata acho que é parte de administrar mesmo. Tanto em questão de administrar agenda, conversa com clientes, essas coisas, sabe? (Monique, 2023).

Não, não tenho vontade de ser administrador. Não tenho porque eu sei que quanto mais a gente tem, mais lhe é cobrado. Às vezes, é melhor você ter seis mil na mão, do que vinte voando. Outra coisa que eu não gosto... Nunca você vai me ver fazendo. É escravizando os outros. Outra pessoa. Você cobrar trinta reais o corte de cabelo e pagar sete reais para o cara. Não passa na minha cabeça. [...] Não gosto. Eu não gosto de saber quanto que eu ganho. Não gosto, entendeu? Mas de seis em seis meses eu paro para calcular. [...] Não tenho rotina administrativa. Eu acho que falta isso, mas eu não tenho é ânimo para isso, cara, porque... porque a cabeça é pesada. O mês que não dá, o psicológico abala. É fácil olhar para o teu holerite e ver ele 10 conto. Mas se você olhar o teu holerite e ver 5, você abala. Então, o que que eu faço? Eu vivo. Não gasto com besteira. Coisas fúteis. Não faço isso. Pa-

go as minhas contas e o que sobra, faço consórcio (Cassius, 2023).

O paradoxo do desenvolvimento presente nas respostas dos entrevistados é analisado e teorizado por Richard Marsden e Barbara Townley (2009) e, para concluir o raciocínio deste trabalho respondendo às questões levantadas no parágrafo inicial desta seção, será feita a triangulação entre a obra e uma percepção geral das respostas sobre os percursos formativos dos afroempreendedores ao longo da pesquisa. A percepção de que a aquisição de conhecimentos de gestão em um ambiente acadêmico é importante, mas não urgente ou prioritário, pode ser vista como uma herança positivista da racionalização da atividade econômica, construída pela corrente estadunidense de teóricos organizacionais que dão ênfase no teste de hipóteses, ou seja da aferição da capacidade técnica, e impede o empreendedor de enxergar a necessidade de compreensão da teoria, cortando o vínculo entre os problemas reais vividos por eles e suas possíveis explicações embasadas em teorias (Marsden e Townley, 2009), sendo este um dos principais motivos que levam os afroempreendedores a focar em questões técnicas. Ao narrarem seus percursos formativos, os entrevistados relatam o retorno obtido pelas capacitações feitas, não só no sentido financeiro, mas também de autoafirmação em suas profissões. Este sentimento, apesar de parecer, e até mesmo ser genuíno, se observado de manei-



ra individual, é fruto do objetivo sistêmico do capitalismo, facilitado pela racionalização, que visa fortalecer os conceitos de independência do indivíduo perante seu entorno, transformando-o, no sentido filosófico, em um múnada, que segundo Marsden e Townley (2009), é a marca da modernidade, na criação do “homem” e do “eu”, do cidadão abstrato e atomizado da sociedade civil.

A racionalização da atividade econômica é parte de um processo mais amplo da racionalização que afeta Estado, Igreja, exército e universidade, considerada por Weber como subjacente ao conceito de burocratização. Racionalização é, então, uma multiplicidade de processos distintos, mas relacionados, com fontes históricas diferentes, desenvolvendo-se em taxas diferentes e favorecendo interesses diferentes. A racionalização, em lugar do capitalismo *per se*, é a raiz do mundo moderno. O capitalismo não criou a racionalização; a racionalização, ao invés, facilitou o desenvolvimento do capitalismo. O “capitalismo é um teatro entre outros onde o drama da racionalidade é encenado” (Sayer, 1991:134) [...] A racionalização aumenta a eficiência, mas também desumaniza, e a tensão entre racionalidade formal e substantiva é uma causa importante dos problemas sociais (Marsden e Townley, 2009, p. 36).

Como o ambiente acadêmico é um espaço, a priori, de humanização e de construção do saber teórico que, segundo Van de Ven (1989), uma teo-

ria de qualidade se transforma em prática, porque avança o conhecimento de uma disciplina científica, guiando o direcionamento de perguntas cruciais que iluminam o exercício da administração, o desenvolvimento econômico, que é mais tático do que técnico, requer um repertório combinado entre teoria e prática para conceber o julgamento do empreendedor sobre o cenário em que está inserido. Marsden e Townley (2009) discorrem sobre a pesquisa das contingências entre a estrutura organizacional e seu ambiente a fim de produzir um modelo coerente que possa guiar a tomada de decisão destes gestores.

No entanto, nota-se o seguinte: “O projeto lida com o que é oficialmente esperado que se faça e o que na prática é permitido que seja feito; ele não inclui o que é realmente feito, isto é, o que ‘realmente’ acontece no sentido do comportamento além daquele instituído nos modelos organizacionais” (Pugh et al. 1968:69). Poder-se-ia querer perguntar o que é prático ou científico sobre o “conhecimento de coisas que não acontecem de fato (Clegg e Dunkerley, 1980:226)”. (Marsden e Townley, 2009, p.40).

Uma alternativa para que os profissionais do afroempreendedorismo do ramo da estética consigam se desenvolver em ambos os quesitos, teoria e prática, pode ser a construção de uma formação acadêmica específica para a economia étnica, abarcando teorizações, estudos de caso e tra-

balhos práticos condizentes com a realidade atual e futura de suas ocupações. Esta possibilidade abre frente para novas pesquisas do campo da docência, dos estudos sobre organizações, economia, comunicação, ciências biológicas para a ampliação do conhecimento científico sobre técnicas milenares de cuidados estéticos do povo africano, a exemplo da tribo Basari e de outros povos que não foram contemplados neste trabalho, entre outras cadeiras passíveis de desenvolvimento de pesquisas. Cabe indicar a necessidade de órgãos reguladores do ensino formal brasileiro criarem mecanismos que viabilizem o desenvolvimento deste campo específico que pode trabalhar de forma sistêmica a construção de um arranjo produtivo nacional com o foco na emancipação da população negra. A proposta produzida por este trabalho pode também ser encaminhada ao Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável (CDESS), que de acordo com o artigo segundo do Decreto nº 11.454 (Brasil, 2023) tem a competência de apreciar propostas de políticas públicas, de reformas estruturais e de desenvolvimento econômico sustentável, articulando e mobilizando agentes dos setores econômicos e da sociedade civil para engajarem em projetos e ações que estão relacionadas ao interesse do CDESS.

## APONTAMENTOS FINAIS

Com base na análise desenvolvida entre as respostas dos colaboradores da pesquisa, as teorizações sobre raça, gênero, formação identitária e suas interseccionalidades, este trabalho ressalta a necessidade de uma ação afro-decolonial para que se atraia os trabalhadores do segmento da estética negra para o ambiente acadêmico. A fim de instrumentalizar, direcionar e institucionalizar a atuação desses profissionais na economia latino-americana, fazendo com que eles transitem das condições puramente técnicas e individuais de suas atuações, para um pensamento sistêmico acerca de suas ocupações, que são baseadas em conhecimentos ancestrais e outrora detinham prestígio social. Prestígio este que deve ser recuperado para que se constituam linhagens sólidas de profissionais que detém um saber que interfere de maneira objetiva na autoestima e emancipação do povo negro. Que sem conhecer suas raízes, o seu corpo, ou a sua cultura, dificilmente conseguirá se desvencilhar das barreiras sociais, econômicas e educacionais impostas pelo racismo. As questões raciais são evidenciadas, nesta pesquisa, na fala dos narradores, e podem ser amparadas também no formato de estatísticas, contexto histórico, análises de intelectuais e na própria experiência de um dos pesquisadores – homem negro –, se apresenta como o fator preponderante para a manu-

tenção das dinâmicas de poder, organização das classes sociais, do acesso ao conhecimento, investimento e políticas econômicas vigentes na sociedade capitalista. Por outro lado, é a própria etnia e a sua cultura que se configura como a principal arma para a resistência e abertura de novas possibilidades de emancipação do povo negro no Brasil, na diáspora como um todo e também no diverso e multicultural continente africano.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ANDRADE, S. P. C.; TOLFO, S. da R.; DELLAGNELO, E. H. L. Sentidos do Trabalho e Racionalidades Instrumental e Substantiva: Interfaces entre a Administração e a Psicologia. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, art. 2, pp. 200-216, Mar./Abr. 2012.
- BENDASSOLLI, P. F.; GONDIM, S. M. G. Significados, sentidos e função psicológica do trabalho. **Avances en Psicología Latinoamericana**, v.32, n. 1, p. 131-147, 2014.
- BRASIL. **Decreto nº 11.454, de 24 de março de 2023**. Dispõe sobre o Conselho de Desenvolvimento Econômico Social Sustentável da Presidência da República.
- BRASIL. **Lei de 7 de novembro de 1831**. Declara livres todos os escravos vindos de fora do Império, e impõe penas aos importadores dos mesmos escravos.
- BRASIL. **Lei n. 2.040, de 28 de setembro de 1871**. Declara de condição livre os filhos de mulher escrava que nascerem desde a data desta lei, libertos os escravos da Nação e outros, e providencia sobre a criação e tratamento daquelles filhos menores e sobre a libertação annual de escravos.
- BUNDLES, A. P. **On her own ground: the life and times of Madam C. J. Walker**. Nova Iorque: Scribner, 2001.
- CHIES, P. V. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 507-528, ago. 2010.
- CRAMPTON, William. Marcus Garvey and the Rasta colours. In: Report of the 13th **International Congress of Vexillology**, Melbourne, Australia, 24–29 September 1989. 2017. p. 169-80.
- CUFA; INSTITUTO LOCOMOTIVA. **O mercado da maioria: Periferia e Diversidade como Estratégias de Negócio**. 2022. Disponível em: <https://ilocomotiva.com.br/wp-content/uploads/2022/01/o-mercado-da-maioria.pdf>

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DOMINGUES, P. O “MOISÉS DOS PRETOS”: MARCUS GARVEY NO BRASIL. **Novos estudos CEBRAP**, v. 36, n. 3, p. 129–150, set. 2017.

DUBAR, C. A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 146, p. 351-367, 2012.

FANON, F. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Zahar. 2022. ISBN-13 978-6559790845

FEIRA PRETA. **Empreendedorismo Negro No Brasil**. 2019. Disponível em: <https://www.planocde.com.br/site2018/wp-content/uploads/2020/05/PlanoCDE-FeiraPreta-JPMorgan.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2024.

FORBES. **Under 30 2017**: 91 destaques brasileiros abaixo dos 30 anos. 2017. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2017/03/91-destaques-brasileiros-abaixo-dos-30-anos/>. Acesso em: 23 abr. 2024.

FRASER, N. Reconhecimento sem ética? In: SOUZA, Jesse; MATTOS, Patrícia (org.). **Teoria crítica no século XXI**. São Paulo: Annablume, 2007. p. 101-138.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.

GRAMMY A. **Lauryn Hill**. 2024. Disponível em: <https://www.grammy.com/artists/lauryn-hill/9621>. Acesso em: 15 jun. 2024.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: **DP&A**, 2000 (capítulos 1 e 2).

IBGE. **Censo. 2022-23**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 23 abr. 2024.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua** (PNAD). 2022. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnadcm/tabelas>. Acesso em: 23 abr. 2024.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios Contínua** (PNAD). 2024. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pnadcm/tabelas>. Acesso em: 23 abr. 2024.

INEP. **Censo da Educação Superior**. 2022. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas\\_e\\_indicadores/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2022.pdf](https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/notas_estatisticas_censo_escolar_2022.pdf). Acesso em: 23 abr. 2024.

KIM, C. e MAUBORGNE, R. **A estratégia do oceano azul**: como criar novos mercados e tornar a concorrência irrelevante. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2005.

LIGHT, I. **Global entrepreneurship and transnationalism**. In: LEO-PAUL D. (org.): The Handbook of Research on Ethnic Minority Entrepreneurship: a co-evolutionary view on resource. Cheltenham: Edward Elgar, 2007.

MARSDEN, R.; TOWNLEY, B. **A coruja de minerva**: reflexões sobre a teoria na prática. In: Handbook de estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 2009.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1, 2018.

METRÓPOLES. **Mc Caverinha se torna o artista mais jovem no topo do Spotify Brasil**. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/musica/mc-caverinha-se-torna-o-artista-mais-jovem-no-topo-do-spotify-brasil>.

Acesso em: 23 abr. 2024.

NASCIMENTO, A. **Quilombismo**: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

QUERINO, Projeto. **O Colono Preto**. 2022. Disponível em: [https://projetoquerino.com.br/wp-content/uploads/2022/11/Ep-04\\_O-colono-preto\\_Querino.pdf](https://projetoquerino.com.br/wp-content/uploads/2022/11/Ep-04_O-colono-preto_Querino.pdf)

RIBEIRO, D. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS, L. B. Dos. Bens Culturais afro-brasileiros: o ofício de mulheres negras trançadeiras em debate. **Revista Eixo**, v. 8, n. 2, 17 dez. 2019, p. 126-137.

SEBRAE. **Negros são maioria dos empreendedores brasileiros**. 2023. Disponível em: <https://agenciasebrae.com.br/dados/negros-sao-maioria-dos-empreendedores-brasileiros/#:~:text=Os%20empreendedores%20negros%20correspondem%20a,do%20terceiro%20trimestre%20de%202023>. Acesso em: 23 abr. 2024.

SILVA, E. N. da. Escola mista na República: um lugar na sombra da história educacional. **Rev. Bras. Hist. Educ.**, Maringá-PR, v.17, n.1 (44), Jan/Mar 2017, p.266-288. <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v17n1.884>

SIEBER, R. e HERREMAN, F. Hair in African Art and Culture. **African Arts**, vol. 33, n. 3, 2000, p.55-96. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3337689>. Acesso em: 25 set. 2023.

SILVA, G. M. da. Cultura negra e empreendedorismo: Sensibilidades políticas a reivindicações econômicas e o engajamento através do mercado. **Anuário Antropológico**, Brasília, DF, v.43 n.1, p. 11-36, 2018.

SILVA, F. S. S. **Afroempreendedorismo**: As especificidades de empreendimentos de empreendedores afrodescendentes. Porto Alegre, RS, 2019.

SOARES, S. de P. L. Educação, redistribuição e reconhecimento: contribuições do pensamento de Nancy Fraser para o debate sobre justiça. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, e246094E, 2021.

TRUTH, S. **E não sou uma mulher?** [Osmundo P Tradução em 2014 jan 01]. [local desconhecido]: Portal Geledés, 1851. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>. Acesso em 23 abr. 2024.

VAN DE VEN, A. H. (1989). Nothing is quite so practical as a good theory. **Academy of Management Review**, 14(4), 486-489. <https://doi.org/10.5465/amr.1989.4308370>